

UMA ANÁLISE DO PECADO, PUNIÇÃO E INFERNO PELO PRISMA DO PINTOR HOLANDÊS HIERONYMUS BOSCH

Fabiana Câmara Furtado

Mestre em Letras – Teoria da Literatura (UFPE)

Professora Assistente II (UNICAP)

E-mail: fabiacf2@gmail.com

RESUMO

Hieronymus Bosch é autor de obras cheias de enigmas e mistérios. Considerado pelos pintores do Surrealismo o precursor dessa vanguarda europeia, a obra de Bosch apresenta um universo repleto de elementos oníricos e fora do comum. Este trabalho tem como objetivo analisar como o pintor, pertencente ao Renascimento dos Países Baixos, faz a representação do pecado, da punição e da morte no painel "Os sete pecados capitais e as quatro últimas coisas". Para isso, faz-se necessário conhecer a visão de mundo do artista e da sua época e de que forma esses elementos vão influenciar na sua produção artística, não somente na obra que é o objeto de estudo do trabalho, pois sabe-se que o pintor tinha uma predileção por temas relacionados à morte, ao pecado, ao inferno e abordou essas temáticas em outras pinturas que realizou ao longo da sua vida. Também serão estudadas as características do Renascimento na Holanda e de que forma o contexto histórico e social interferiu no processo de construção artística do pintor. Dessa forma, espera-se lançar novos luzes sobre a obra do Hieronymus Bosch e sobre a sua época, pois o Renascimento nos Países e seus artistas precisam ser mais estudados e conhecidos.

Palavras-chave: Hieronymus Bosch; Pecado; Renascimento Nórdico.

INTRODUÇÃO

O Renascimento, que teve o seu berço na Itália, com o passar do tempo, chega a outros países europeus e aglutina-se aos aspectos sociais e culturais de cada um deles. É o que ocorre nos Países Baixos, parte da Bélgica e Alemanha. A princípio houve um conflito entre as tendências artísticas locais e o novo estilo vindo da Itália, pois ainda era comum nos Países Baixos uma forte influência do estilo Gótico. Por isso, alguns historiadores, além de denominar o Renascimento nos Países Baixos de Renascimento Nórdico, também usam a expressão Gótico Tardio. Vale ressaltar que mesmo ligados a temáticas góticas, pintores como Albrecht Dürer, Hans Holbein, Pieter Bruegel e Hieronymus Bosch não deixaram de usar técnicas criadas por pintores do renascimento italiano. Algumas dessas técnicas: claro e escuro, delineamento das formas e inserção da perspectiva. Os pintores citados eram contemporâneos dos pintores renascentistas italianos e estudaram essas técnicas pictóricas utilizando-as a fim de executar suas obras.

Vale ressaltar que muitos historiadores da arte defendem que somente as na Itália do século XVI houve um Renascimento propriamente dito enquanto movimento artístico (GLANCEY, 2001). Enquanto, nos demais países europeus houve representações artísticas que, apesar de utilizarem alguns elementos pictóricos da pintura do Renascimento italiano, não usaram apresentam as mesmas características e temáticas do Renascimento da Península Itálica. É importante elencar as razões que fizeram da Itália o berço do Renascimento.

- A Itália é herdeira natural do Império Romano, portanto herdeira dos valores clássicos;
- É a pátria de artistas que desenvolveram princípios humanistas, tais como, Francesco Petrarca, Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio, Giotto di Bondane;
- O país teve a primeira instituição bancária;
- Na ocasião, o país era formado por cidades-estados que possuíam administração independentes;
- O incentivo financeiro aos artistas através do mecenato.

Por ser herdeira natural do Império romano, a presença de elementos da cultura pagã era uma das características do Renascimento italiano cujos artistas fizeram várias representações de deuses greco-romanos, além de retomarem vários elementos artísticos da era clássica, por exemplo: conveniência e decência, mimese e verossimilhança, valorização da natureza, uso da perspectiva na pintura e na arquitetura.

Enquanto isso, o Renascimento nos Países Baixos ou Renascimento Nórdico apresenta uma contundente iconoclastia, pois está fincado em países que abraçaram o protestantismo. Por isso, é muito comum pinturas que retratam o cotidiano das pessoas e membros da burguesia. Por isso, esse estilo é também denominado de Pintura de Gênero. É na pintura do Renascimento Nórdico que está presente a força do espírito humanista que é a marca do Classicismo em linhas gerais. Os autores citados acima (Albrecht Dürer, Hans Holbein, Pieter Bruegel) ao lado de Hieronymus Bosch produziram um conjunto de obras que mesclam a realidade do contexto histórico de seus países com as novidades técnicas vindas da Itália.

BOSCH E OS PECADOS CAPITAIS

Em Bosch, o cheiro infernal do enxofre se confunde com os castigos da farsa. Johan Huizinga (1919)

Hieronymus Bosch nasceu em no ducado de Brabante em uma cidade holandesa que fazia fronteira com a Bélgica. Nos locais mais afastados dos grandes centros urbanos, ainda se fazia presente uma religiosidade extremamente mística seguindo os preceitos medievais. Isso fazia com que as obras de Bosch representassem valores que se coadunavam com os valores religiosos da Idade Média. Dessa forma, encontramos nas suas telas diversas representações da morte, do pecado, da punição e todas as consequências para aqueles que em vida não tiveram uma viveram de forma recatada e santa. Podemos encontrar esses elementos em diversas obras do artista. É bom lembrar que as obras do pintor holandês vão agradar de forma especial o rei Felipe II da Espanha que foi um grande entusiasta da sua

obra. E por causa disso, boa parte da obra do pintor brabantino está na Espanha e faz parte do acervo do Museu do Prado em Madri.

Seguindo a sua visão religiosa firmemente ligado ao misticismo medieval, encontramos a recorrência das temáticas da morte, do pecado, da punição, do medo, da loucura, do inferno. A obra assume um posicionamento didático e também alegórico nos mesmos moldes da "Divina Comédia, de Dante Alighieri. Assim como em Dante, encontra-se em Bosch um desejo de alertar, admoestar, advertir as pessoas para seu comportamento desregrado, errático, lascivo e contrário aos desejos de Deus. Como se através das suas telas, o espectador pudesse sair de uma vida dissoluta para garantir a salvação da sua alma após a morte. Já que a finitude é a única certeza que toda pessoa tem, que a salvação da alma pudesse ser garantida através de uma vida correta e digna, já que, após a morte, nada poderia ser feito para corrigir os erros do passado. Nesse sentido vale a pena relembrar os versos do soneto escrito pelo padre António da Ascensão Teles e que se encontra na Capela dos Ossos em Évora, Portugal:

Aonde vais, caminhante, acelerado?
Pára…não prossigas mais avante;
Negócio, não tens mais importante,
Do que este, à tua vista apresentado.

Recorda quantos desta vida tem passado,
Reflete em que terás fim semelhante,
Que para meditar causa é bastante
Terem todos mais nisto parado.

Pondera, que influído d'essa sorte,
Entre negociações do mundo tantas,
Tão pouco consideras na morte;

Porém, se os olhos aqui levantas,
Pára…porque em negócio deste porte,
Quanto mais tu parares, mais adiantas. "

Assim como no soneto, que chama a atenção do leitor para a importância de cuidarmos da nossa vida espiritual aqui na terra para não sofrermos as consequências no além, Bosch faz o mesmo na sua obra ao alertar o público sobre o quanto é valiosa a eternidade com Jesus e, por isso, não podemos jogá-la fora com prazeres mundanos e passageiros. Na obra "Os sete pecados capitais e as quatro últimas coisas" (1485), esse alerta

está presente em todos os pormenores. Na verdade, a obra citada foi criada para ser um tampo de uma mesa, mas foi elevada à categoria de quadro com o passar do tempo. Não se sabe quem encomendou a obra, talvez alguma congregação religiosa. O certo é que ela passou a integrar posteriormente a coleção do rei Felipe II. Assim como outras peças do pintor, ela também está no Museu do Prado e mostra um grande círculo com as representações dos sete pecados capitais: 1) Soberba/Vaidade; 2) Avareza; 3) Luxúria; 4) Inveja; 5) Gula; 6) Ira; 7) Preguiça. No centro do grande círculo, está um olho com a imagem de Cristo reproduzida no seu interior e, logo abaixo, uma inscrição latina que diz: *Cave cave Deus videt* (Cuidado, cuidado. Deus vê). Ladeando o círculo principal temos em cada extremidade do tampo da mesa quadro pequenos círculos que mostram os quatro últimos momentos da vida do homem. Há também duas bandeirolas. Uma localizada acima e outra abaixo do grande círculo. Nelas o autor colocou duas transcrições do livro do Deuteronômio 32: 28 – 29. Na primeira, encontra o seguinte versículo: "Porque são gente falta de conselhos, e neles não há entendimento." Na segunda, "Quem dera eles fossem sábios! Que isto entendessem, e atentassem para o seu fim!"

Eis o quadro em sua totalidade:



Figura 1:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things

Para a proposta deste artigo vale analisar seus detalhes a fim de constatarmos a mensagem do autor e como ele utilizou cada espaço para transmiti-la.



Figura 2:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things

Reforçando a onipresença de Deus, o Seu Filho surge no centro do olho com uma mão apontando a chaga na costela e a outra levantada mostra a chaga na palma da mão como se lembrasse aos humanos como foi alto o preço pelo resgate que garantiu a salvação para todos aqueles que creem em Jesus. Chagas que representam a esperança da vida eterna.

VAIDADE/SOBERBA

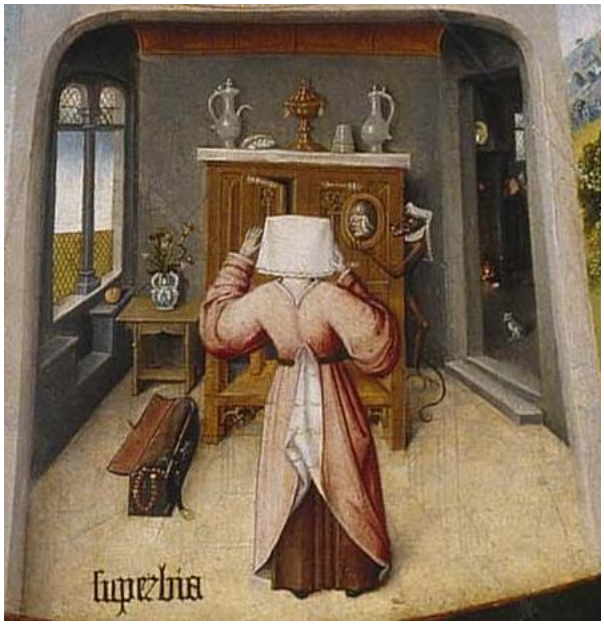

Figura 3:
n.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Superbia).jpg

A *Superbia* considerada por muitos o pecado preferido do Diabo, pois foi a vaidade que o levou a tentar usurpar o poder de Deus é representada por uma mulher que aparece arrumando-se em frente a um espelho que é segurado por um de demônio. Essa representação somente reforça uma crença medieval de que dentro dos espelhos escondiam-se demônios que levavam as pessoas perderem-se em coisas vãs, inúteis. A vaidade é uma espécie de pecado guarda-chuva, já que abarca os demais, pois por causa da vaidade todos os outros pecados se manifestam acentuando todas as qualidades negativas do ser humano com seu ápice na temida Ira. Na imagem de Bosch, temos ainda do lado esquerdo um pequeno baú com joias e adornos reforçando a importância dada à aparência física. Apesar de o pintor ter usado a preocupação com a aparência uma representação da soberba, esse pecado vai muito além, a vaidade não está somente relacionada ao físico ou vestimentas.

GULA



Figura 4:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Gula).jpg

A *Gula* é representada por um homem obeso e uma criança, possivelmente seu filho. No lado esquerdo, surge uma mulher com uma bandeja. A criança puxa a roupa do pai pedindo o que ele come. Do lado direito, um homem bebe vinho diretamente do vaso. O cenário caótico com comidas espalhadas na mesa, uma cadeira e outros objetos jogados no chão expõe as consequências do pecado da gula: a sujeira, a falta de cuidado com o corpo, o embotamento da mente e da razão. Em um ambiente como esse, a chegada da mulher trazendo mais comida apenas reforça o que a entrega a gula é capaz de fazer.

PREGUIÇA



Figura 5:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Accidia).jpg

Na *Acídia*, encontramos um homem dormindo em uma cadeira com um cãozinho igualmente dorminhoco aos seus pés. Do lado direito, uma religiosa parece chamar a atenção do senhor mostrando-lhe um terço como se dissesse que estava na hora do homem acordar para realizar suas obrigações. Em cima do banco, há um livro fechado reforçando que o cumprimento do dever estava relegado ao segundo plano de importância.

LUXÚRIA



Figura 6:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Luxuria).jpg

A luxúria é representada por dois casais dentro de uma tenda vermelha. Essa cor pode ter significados distintos de acordo com o contexto. Aqui representa a lascívia, a sensualidade e a entrega dos prazeres carnais. Temos no chão um instrumento de corda que simboliza o corpo feminino e uma flauta que representa o falo. Temos também no primeiro plano um pequeno vaso que, possivelmente, tem vinho no seu interior. A luxúria também entorpece a razão por fazer com que pensamentos impuros dominem a mente humana impedindo a pessoa de agir com discernimento e comedimento.

INVEJA



Figura 7:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Invidia).jpg

A *Invídia* é um outro pecado extremamente perigoso, pois pode levar uma pessoa ao estágio da Ira. Vale lembrar que o primeiro homicídio registrado na Bíblia ocorre por causa da inveja. Caim assassina o próprio irmão Abel motivado pela inveja. Assim como José é vendido como escravo pelos irmãos invejosos, Davi também é perseguido por Saul por causa inveja. Há muitos outros relatos bíblicos que mostram os danos que a inveja provoca. Na cena retratada por Bosch, temos uma jovem do lado esquerdo recebendo algo de um rapaz, possivelmente um pequeno presente. Podemos inferir que ela é casada com o homem mais velho e está sendo cobiçada por outro homem. Os dois cães esperando um osso que será jogado ilustra um provérbio comum na época do pintor: "Dois cachorros disputando um osso, dificilmente chegam a um acordo." O mesmo provérbio mostra que não acabará bem o possível romance que está se desenvolvendo.

AVAREZA/GANÂNCIA



Figura 8:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Avaricia).jpg

O pecado da *Avarícia* foi representado por Bosch em outras telas e representa a ganância, o acúmulo desmedido de dinheiro e riqueza que pode levar uma pessoa aos mais ardilosos meios de enriquecimento. Além disso, a pessoa avarenta ama tanto o dinheiro que muitas vezes não usufrui do que tem e muito menos permiti que outras pessoas usufruam. No quadro de Bosch, "Morte do avarento", um moribundo parece mais preocupado com seu dinheiro que está sendo roubado pelo diabo do que com a salvação da própria alma.

Na imagem acima, um juiz recebe suborno enquanto conversa com outra pessoa que também parece oferecer algum tipo de vantagem. Enquanto isso, dois homens sentados em um banco estão alheios aos arranjos financeiros que ocorrem.

IRA



Figura 9:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Jheronimus_Bosch_Table_of_the_Mortal_Sins_(Ira).jpg

A Ira é o pecado que cega a pessoa impedindo-a de refletir de forma racional. Na imagem, temos dois homens brigando segurando facas, enquanto uma mulher tenta separá-

los. O pintor mostra o que o pecado da ira faz: desfigura as pessoas, tornando-as irracionais e sem controle das suas ações.

AS QUATRO ÚLTIMAS COISAS

Nos pequenos círculos presentes no quadro, Bosch vai retratar os últimos quatro estágios da vida do homem: “A morte de um pecador”, “Julgamento final”, “Glória” e “Inferno”. Neste último, temos a punição para aqueles que cometeram os sete pecados capitais. Assim como Dante Alighieri em “A divina comédia”, Bosch vai destinar um tipo de punição para cada pecado cometido em vida.

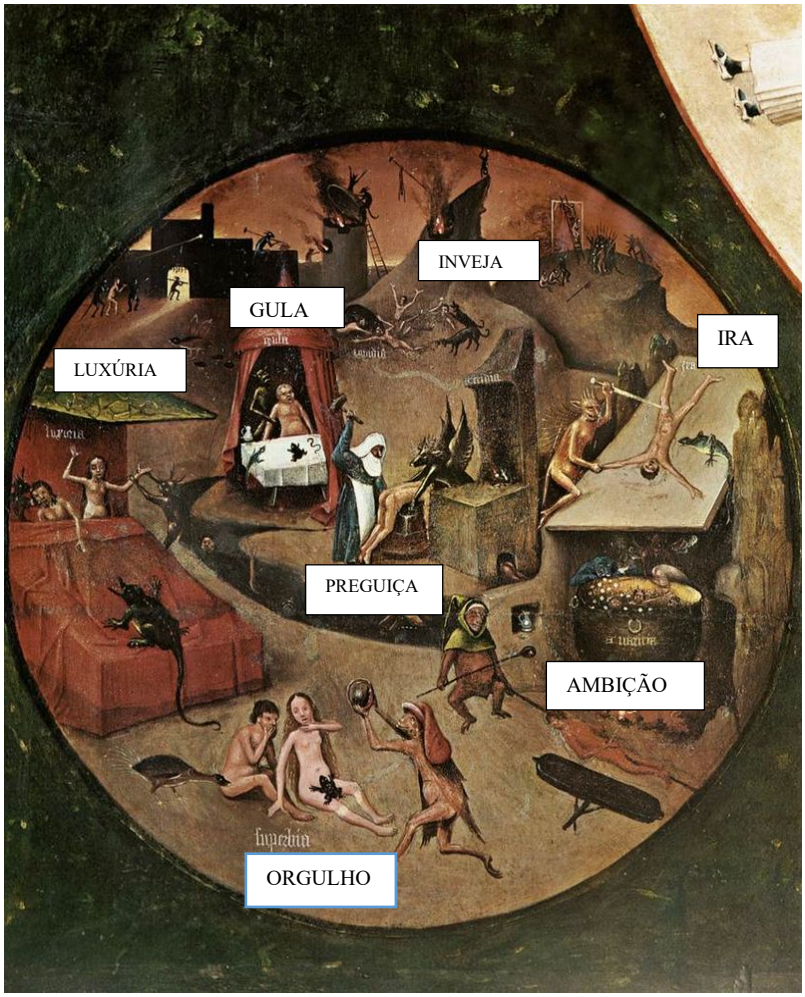

Figura 10:
https://en.wikipedia.org/wiki/The_Seven_Deadly_Sins_and_the_Four_Last_Things#/media/File:Hieronymus_Bosch_-_The_Seven_Deadly_Sins_(detail)_-_WGA2501.jpg

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Hieronymus Bosch nos faz conhecer o contexto histórico de uma região e o cotidiano de pessoas que não viviam no centro dos grandes acontecimentos artísticos da época, ou seja, a Itália. Através de seus quadros e trípticos, é possível vislumbrar a mente e a vida daqueles que habitavam os vilarejos e estavam distantes da realidade das mais importantes cidades na Bélgica e na Holanda. Nessas pequenas aldeias retratadas pelo pintor, a vida seguia um ritmo diferente e os seus moradores ainda estavam impregnados dos valores religiosos do catolicismo medieval. Não à toa, o pintor retrata as superstições do povo e suas crenças marcadas pelo medo da punição e daquilo que lhe esperavam no além. Nesse sentido, os quadros Bosch possuem um caráter catequético e didático e precisam ser lidos, interpretados, estudados e analisados com a consciência de que estamos falando de um artista que viveu entre o fim da Baixa Idade Média e o início da Renascença e que precisa ser mais conhecido pelo imenso valor histórico e beleza artística das suas obras.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Sobre o ensino/Os sete pecados capitais**. Tradução e estudos introdutórios Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOSCH. Tradução Simone Novaes Esmanhotto. São Paulo: Abril, 2011.

BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). **A morte na Idade Média**. Tradução Heitor Megale; Yara Frateschi Vieira; Maria Clara Cescalo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CALAINHO, Daniela Buono. **História medieval do ocidente**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Platão. **Lições de texto:** leitura e redação. 19 ed. São Paulo: Ática: 2009.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. Tradução Luís Carlos Borges e Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. Tradução Álvaro Cabral. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média.** Lisboa: Ulisseia, 1999.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009.

SCHUMACHER, Bernard. **Confrontos com a morte**. Tradução Lúcia Pereira de Sousa. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SUCKALE, Robert; WENIGER, Matthias; WUNDRAM, Manfred. **Gótico**. Tradução Manuel Neto. Lisboa: Taschen, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VOST, Kevin. **Os sete pecados capitais**. Campinas: Ecclesiae, 2019.